

PRAGMATISMO E NATURALISMO: UMA CONJUNÇÃO INEVITÁVEL?*

Prof. Dr. DAVID C. LAMBERTH

Resumo: Desde a obra de John Dewey, tem sido uma suposição comum que o pragmatismo, em seu sentido mais amplo, implica um compromisso fundamental com o naturalismo. Entretanto, numa fase já avançada de sua carreira, William James considerava tanto o naturalismo científico quanto as numerosas versões do supernaturalismo como sendo contrários àquilo que um ponto de vista pragmático implica. Neste *paper*, através da abordagem das obras de Dewey e James em relação ao naturalismo e ao supernaturalismo, defendo que uma verdadeira perspectiva pragmatista exige que nos desloquemos para além das posições totalmente limitadas e mutuamente implicativas do naturalismo e do supernaturalismo. Nas seções finais do *paper*, volto-me para algumas figuras contemporâneas – Rorty, Davidson e McDowell – para determinar o significado deste *insight* na filosofia contemporânea.

Na introdução de seu livro de 1993, *Philosophical Naturalism*, David Papineau notou que quase todo mundo hoje em dia quer ser um 'naturalista', apesar do fato de que os aspirantes diferem radicalmente sobre o que o termo significa.¹ Pesquisando o renascimento contemporâneo e os desenvolvimentos do pragmatismo, ou neopragmatismo como é geralmente chamado nos Estados Unidos, estou inclinado a dizer o mesmo. Ou seja, quase todo aquele que se autodescreve um pragmatista (seja o que for que isto signifique) também afirma endossar alguma forma de naturalismo.²

Eu gostaria de investigar a questão de se o pragmatismo e o naturalismo são inerentemente conjugados, olhando para duas figuras centrais na história inicial do pragmatismo, William James e John Dewey. Especificamente, eu gostaria de comparar suas posições em relação ao naturalismo em metafísica e epistemologia, e perceber se, e até que ponto, podemos encarar o pragmatismo como uma espécie de naturalismo. Antecipando, eu concluirei que o pragmatismo está mais bem servido quando foge do naturalismo assim como do supernaturalismo, e compreende-se mais fundamentalmente como uma forma de pluralismo radical.

David C. Lamberth é professor da Faculdade de Teologia da Universidade Harvard (EUA).

* Traduzido por Prof. Dr. João A. Máttar Neto, pós-doutorado em Literatura Comparada pela Stanford University (USA) e membro do Centro de Estudos do Pragmatismo (PUC-SP).

A relevância desse conjunto de questões pode parecer, inicialmente, bastante obscura. Se Papineau e outros estão certos de que haja um acordo significativo em filosofia sobre algo chamado naturalismo, acordo aproximando-se de convergência, então talvez fosse melhor deixar a questão de lado, ou para trás.³ Eu estou cético, entretanto, de que este seja o caso. Como tanto Papineau quanto Robert Audi notam, embora possa haver um consenso no *slogan* “naturalismo”, não há consenso em relação a seu significado. Isto ocorre provavelmente devido ao fato de que o único acordo substantivo envolvido no endosso do naturalismo é um consenso lasso, ou mesmo não especificado, em relação ao que se repudia, mais do que qualquer acordo em relação a uma doutrina positiva. O naturalismo, nesse sentido, envolve usualmente um repúdio geral do dualismo metodológico, assim como uma negação metafísica mais específica de qualquer domínio misterioso, seja a ‘mente’, o supernatural, ou alguma outra esfera colocada de lado pela investigação, mas definitivamente priorizada por um sistema filosófico dualista.

A aparição do naturalismo como uma doutrina positiva gera uma concorrência menor. Para alguns, o naturalismo implica fundamentalmente uma significativa redução a causas e explicações naturais, em geral físicas, seja esta redução exaustiva ou parcial.⁴ Naturalistas não-redutivos podem variar amplamente em seus compromissos metafísicos, assim como em suas concepções de onde o “naturalismo” realmente reside. O naturalismo freqüentemente implica um compromisso epistemológico com o empirismo e contra o racionalismo, embora isto não seja sempre exclusivamente assim; em outros casos, ele pode envolver mais estritamente uma elevação de, e uma confiança em, o método científico, e seu mundo objeto da ‘natureza’. (Ambos podem também estar envolvidos em naturalismo reduutivo.) Em todos estes casos, entretanto, os resultados do naturalismo podem variar amplamente, em função dos compromissos particulares que se assume, e, talvez mais explicitamente, em função de onde alguém inicia seu naturalismo.⁵

Discordâncias sobre terminologia não são sempre importantes. Papineau, de seu lado, defende que a disputa terminológica ao redor do naturalismo não é significativa, e que a verdadeira questão tem que ver com “quais doutrinas filosóficas estão corretas, não como denominá-las”.⁶ Eu desconfio, entretanto, que esta confusão terminológica não é completamente benigna, e que as maneiras pelas quais alguém constrói o seu naturalismo, ou mesmo o seu antagonismo contra ele, são críticas.⁷ Um olhar profundo para James, e um olhar um pouco mais rápido para Dewey, sobre o assunto, irão ambos servir de ilustração e começar a preparar o terreno para entendermos algo do que está em jogo para os pragmatistas, na discussão sobre o naturalismo.

JAMES E A QUESTÃO DO NATURALISMO

Inicialmente (e principalmente), devo começar dizendo que James – assim como Charles Sanders Peirce – não se considera, em geral, um naturalista. Ao contrário, na maior parte de suas discussões sobre o assunto, James está explicitamente

em oposição em relação ao naturalismo. Esta oposição é, entretanto, interessante, revelando tanto o que James considera que o naturalismo envolva, quanto o que ele enxerga como suas limitações.

A primeira revelação impressa de sua atitude em relação ao naturalismo ocorre em uma resenha de 1888 sobre um livro de Edmund Gurney, em que James escreve positivamente sobre a disjunção decisiva de Gurney entre a resignação do “naturalismo dogmático” e a esperança fornecida por “qualquer supernaturalismo possível”.⁸ Três temas aparecem aqui que reaparecem em todos os comentários de James sobre o naturalismo. Em primeiro lugar, James (com Gurney) lê o naturalismo científico como dogmático em sua auto-restrição ao mundo observável; por contraste, James e Gurney lançam uma possível versão do supernaturalismo como verdadeiramente hipotética, e portanto potencialmente aberta à novidade, assumindo então o mantel do espírito científico para o supernaturalismo em oposição ao naturalismo. Em segundo lugar, na visão de James, o dogmatismo parcimonioso do naturalismo implica a exclusão de fatos pessoais e destinos individuais que não são adequadamente abstratos, repetíveis, ou generalizáveis. Derivado desta visão restritiva do naturalismo é o terceiro ponto repetido por James, nomeadamente, que esta forma de naturalismo é praticamente deficiente, promovendo uma atitude pessimista ou resignada, mais do que uma visão esperançosa ou otimista do futuro.

O importante texto de James de 1892, *The Principles of Psychology*, que alega proceder no padrão de uma “ciência natural” e normal, trata raramente do naturalismo, o que não é surpresa. Em seu capítulo conclusivo sobre “Verdades Necessárias e os Efeitos da Experiência”, entretanto, James acaba por observar o modo através do qual a ciência natural trata os objetos por abstração, quebrando-os em essências composicionais, distorcendo e perdendo a “sólida plenitude do fato,” levando-nos então a compreender e pensar sobre algo que é efetivamente diferente da realidade.⁹ Esta observação conecta-se a, e estende, o segundo ponto que indiquei em relação à resenha de Gurney, adicionando a idéia de que não é apenas a tendência dogmática da ciência em direção à redução que ignora a plenitude dos fatos individuais, mas também o exercício prático (e neste ponto, parecendo inevitável) de seu método que gera os problemas que ele enxerga no naturalismo.

James elabora sua crítica do naturalismo em 1895 em sua comunicação “Is Life Worth Living?”, publicada em 1897 no *The Will to Believe*. Aqui, James retorna ao segundo e terceiro temas da resenha de Gurney, argumentando que a ordem natural da ciência é inadequada devido a sua inabilidade de formular um “desígnio espiritual” holístico e “harmonioso”. A ordem natural da ciência é “mero estado atmosférico”, escreve James (citando seu colega Chauncey Wright), não oferecendo nada que responda a nossas necessidades intuitivas e religiosas.¹⁰ Este “incrustado naturalismo e materialismo da mente”, argumenta James, não é mais nem menos intuitivo do que a demanda religiosa ou espiritual dos humanos, à qual ele é inadequado. Além do mais, a demanda religiosa é prática, preocupada com questões de conduta, demanda à qual o mero naturalismo não responde. Dessa forma segue a crítica de James da idolatria da ciência serva do naturalismo, assim como sua defesa

do direito de acreditar que “a ordem física é apenas uma ordem parcial”, “não última, mas um mero signo ou visão, a representação externa de um universo com múltiplas camadas.”¹¹ Esta visão posterior e espiritual, James pensa, é a única que responde adequadamente a nossas necessidades concretas e religiosas, necessidades que ele pensa são indelevelmente “naturais” aos seres humanos.¹²

O tema da inadequação do naturalismo e a noção de um mundo complementar, bem literalmente extra ou supra-natural, além do natural, aparece recorrentemente nos escritos de James pelos próximos dez anos. Mais conhecido dentre estes é a declaração de James nas Conclusões do *The Varieties of Religious Experience* para se alinhar com o supernaturalismo contra o naturalismo.¹³ Aqui, James tem novamente em mente o aspecto parcial do mundo que a ciência estuda, que o naturalismo, entretanto, declara completo. Mas, de maneira importante, James adiciona uma observação crucial que começa a transformar seu supernaturalismo aparentemente dualista em uma visão mais holística. Ele nota que

o mundo interpretado religiosamente não é o mundo materialista repetido novamente, com uma expressão alterada; ele deve ter, sobre e acima da expressão alterada, *uma constituição natural* diferente, em algum ponto, daquela que um mundo materialista teria. Ele deve ser tal que diferentes eventos possam ser esperados nele, diferentes condutas devam ser requeridas.¹⁴

Em seu *Postscript*, James observa que esta conclusão compromete-o com um supernaturalismo “passo a passo”¹⁵ ou “rude”, em contraste com o supernaturalismo de uma espécie refinada ou universalista, tipificado pela “filosofia do absoluto” de Royce. Esta última, que James entende como uma nova versão do supernaturalismo metafisicamente dualista, é ao mesmo tempo irrelevante à prática nesta vida, e concede muito à ciência. Sua posição, em contraste, procura permitir que o sentimento religioso, a experiência particular, e a esperança humana, tenham potencialmente importância no mundo da experiência como a conhecemos. Além do mais, ela requer que compreendamos a ciência como limitada em relação a quanto ela poderia compreender a qualquer tempo, enquanto ao mesmo tempo deixa aberta a possibilidade de que os fatos que estão para além da ciência possam de fato causar impacto no mundo natural. Isto, junto com a noção de que o divino deve ser uma parte do próprio todo, é o que James considera ser pragmaticamente requerido para que o supernaturalismo seja significativo.¹⁶

As passagens do *Varieties* que eu mencionei marcam o início de uma mudança para James em relação a seu alvo, mudança que é crítica para nossa compreensão de suas visões sobre o naturalismo. Enquanto a sua discussão nas décadas de 1880 e 1890 contrastava suas próprias visões principalmente com o naturalismo *qua* materialismo reduutivo, os anos iniciais da década de 1900 mostram um James igualmente (se não mais) preocupado com o idealismo absoluto – racionalismo – como o principal oponente a suas visões, mais do que esta forma de naturalismo. Assim, em *Varieties* James critica o naturalismo, mas ele também acusa (e, de fato, de modo mais vociferante) o idealismo absoluto, ambos por deixarem o naturalismo não

checado em sua esfera, e por serem similarmente irrelevantes em relação às necessidades e aos valores humanos. Em 1903, em uma resenha do *Personal Idealism*, de Henry Sturt, James também evidencia seu alvo dual, observando que o livro parece marcar um caminho entre “o deserto do Naturalismo de um lado, e os cumes estéticos do Absoluto, de outro.”¹⁷ O elogio de James para o livro estava baseado no fato de que ele parecia propor um terceiro caminho, retendo a concretude do naturalismo e o interesse no valor humano do absolutismo.

Em 1905, em um dos ensaios que desenvolve seu empirismo radical, a visão de James de sua própria oposição afasta-se para tão distante do materialismo em direção ao idealismo absoluto, que James associa seu próprio pragmatismo com o próprio naturalismo em contraste com o racionalismo de F. H. Bradley.¹⁸ O que James significa por “naturalismo” neste momento, entretanto, é uma visão bem diferente, na qual a verdade pode apenas ser conectada para nos guiar, “com ou sem sucesso, novamente para a experiência sensível.” Aqui, o naturalismo está fundamentalmente aliado com a metafísica do empirismo radical de James, uma visão não-redutiva cuja pedra de toque é a experiência, seja tão concreta e particular que não possa ser completamente capturada pelo pensamento, ou a variedade mais mundana que a ciência natural pode estudar. O “Naturalismo” implica aqui experiência não-transcendental, não-dualista, concreta, estando próximo do que significará para Dewey mais tarde.

Esta identificação do seu empirismo radical (ou pragmatismo, como ele o chama aqui) com uma forma de naturalismo, não é, entretanto, repetida por James em fontes impressas, nem em notas ou manuscritos disponíveis. Ao contrário, nas notas para seu curso sobre Metafísica de 1905-6, James afirma que o puro naturalismo é “uma abstração *ascética* ... quando defendida como uma divindade para a qual se sacrificar.”¹⁹ Além do mais, em *Pragmatism* James critica consistentemente o naturalismo em termos de sua adequação, voltando a associar o naturalismo com uma forma de ciência redutiva e materialista. O progresso da ciência levou tanto ao alargamento do universo quanto a uma diminuição da importância da humanidade, ele afirma, produzindo uma visão que é “materialista e depressiva.” Apenas os poucos durões²⁰ se sentem confortáveis com ela, argumenta ele, implicando a necessidade de uma outra visão.²¹ James elabora este ponto sobre a atitude que o naturalismo gera, conectando-a com questões de conduta e indicando outra mudança em sua própria compreensão sobre o que são as visões competitivas. A orientação do naturalismo para a matéria, ou o físico, torna-o preocupado apenas com fatos passados, ele observa. O espírito, por contraste, como um objeto principal, tem o benefício de ser orientado para o futuro. James admite nesse texto que a escolha entre o espiritual e o natural é uma preferência estética, derivada de e produzindo temperamentos diferentes, ou perspectivas, sobre a vida.²² Mas ele também procura argumentar, embora precavidamente, que o mero ou simples naturalismo não é adequado às necessidades, à conduta ou aos interesses humanos.

A transição de distanciamento em relação a sua rápida identificação com o naturalismo (e o pensamento concomitante de transformar o naturalismo em um

novo sistema pragmático), torna-se completamente explícita no livro de James de 1909, *A Pluralistic Universe*. Aqui, no capítulo de abertura, James fornece uma classificação dos tipos de pensamento filosófico, lançando a distinção entre a filosofia materialista, de um lado, e espiritualista, de outro, como a mais básica. James descarta o materialismo virtualmente sem argumentos, julgando-o completamente inadequado em relação aos fatos da vida como os experienciamos. No lugar, ele identifica o principal dilema como aquele sobre qual espécie de filosofia espiritualista nós endossamos. O próprio *Weltanschauung* do empirismo radical de James é interpretado como uma versão de panteísmo pluralista, em contraste com as filosofias monistas do absoluto. Despojado da perspectiva fixa²³ empírica, o naturalismo, que está novamente completamente associado com o materialismo, praticamente não é encontrado em lugar algum.²⁴

Há mais uma nota crítica a ser feita sobre o movimento de James em direção à filosofia espiritualista, em seu último livro terminado, e isso tem que ver com o desenvolvimento de sua postura em relação ao supernaturalismo. Em *Varieties*, James visualizou a questão de uma escolha entre o naturalismo redutivo e inumano, de um lado, e o supernaturalismo, de outro. James alinhou-se bem claramente com o último, endossando uma forma de supernaturalismo construída passo a passo. Embora James reitere partes do texto de *Varieties*, palavra a palavra, no último capítulo de *A Pluralistic Universe*, ele se torna claramente silencioso em relação a qualquer aliança entre o supernaturalismo e o empirismo radical, a visão que ele procura desenvolver. Isto ocorre, na minha visão, porque James, em 1908, considerou que seu empirismo radical completamente desenvolvido obviasse o dilema naturalismo/supernaturalismo através de seu conceito radicalmente pluralista de experiência. A verdadeira questão filosófica em 1908 era de valor humano, a compreensão do papel dos interesses humanos e da conduta humana. Meu julgamento é que James enxergou o "naturalismo" tão fortemente ligado, histórica e conceitualmente, a visões redutivas, que ignorou a ampla gama de sentimento, interesse, necessidades e valores humanos. Ele então buscou definitivamente ignorar o naturalismo, e, no lugar, dominar a filosofia espiritualista, com sua orientação para frente e sua orientação solidária em relação ao alvoreço da experiência humana.²⁵ No sentido em que podemos dizer que o empirismo radical é uma expressão do pragmatismo de James, pareceria que o pragmatismo jamesiano é bem intencionalmente não uma forma de naturalismo, embora ele seja claramente uma espécie de empirismo.²⁶

O NATURALISMO EM DEWEY

Como James, John Dewey descreveu a principal oposição em filosofia como se dando entre filosofias espiritualistas e naturalistas, ou, alternativamente, entre o supernaturalismo e o naturalismo, ou, para citar uma outra polaridade, entre racionalismo e naturalismo.²⁷ Ao contrário de James, entretanto, a partir do momento em que ele deixou para trás seu idealismo hegeliano precoce, Dewey não teve

crises de decisão ao escolher posições em cada uma destas divisões. Antes, e talvez conseqüentemente, Dewey foi um naturalista assumido por todo o resto de sua carreira filosófica.

Dewey estava bem consciente de que o termo “naturalismo” carregava um amplo espectro de significados.²⁸ Em particular, ele sabia que o naturalismo, até o seu tempo, estava fortemente aliado com o materialismo, e então separado do humanismo (ou o reconhecimento do valor humano), bem como James em geral supôs e apontou.²⁹ Dito isso, Dewey fez o julgamento oposto a James, vendo o “naturalismo” como um termo crítico a ser reformulado, e finalmente defendido. Sem dúvida, James quereria nos lembrar de que as razões para tal julgamento podem ser tão temperamentais quanto substantivas. Eu gostaria de inquirir brevemente, entretanto, sobre o que Dewey viu no “naturalismo.”

Talvez a exibição mais útil do que Dewey significa positivamente pelo termo é encontrada em seu artigo de 1930 “Individuality in our Day.” Lá, Dewey nota que “um naturalismo que percebe que o homem com seus hábitos, suas instituições, seus desejos, seus pensamentos, suas aspirações, seus ideais, e seus conflitos, está na natureza, e é uma parte integrante dela, possui a fundação filosófica e a inspiração prática para o esforço de empregar a natureza como um aliado do bem e dos ideais humanos, de forma que nenhum dualismo pode possivelmente fornecer.”³⁰ Nesta afirmação nós vemos quatro vantagens críticas do naturalismo para Dewey. Primeiro, com respeito à ontologia, o naturalismo é completamente monista. Isto posiciona os seres humanos no domínio do conhecimento natural, e, Dewey pensa, evita a questão metafísica insolúvel de como compreender os seres humanos como compostos de uma substância ou ordem diferentes (mente, espírito, alma) do que a ordem natural/física. Relacionada a esta virtude há uma segunda vantagem do naturalismo, também na forma de uma evasão. O naturalismo, Dewey pensa, evade o quebra-cabeça epistemológico proposto pelo dualismo putativo da mente e da matéria que foi tão central para a filosofia moderna. Colocado de forma simples, se o naturalismo está correto, então os meios apropriados de conhecer o mundo também irão pertencer diretamente a conhecer os seres humanos, desde que tomemos ‘conhecer’ naturalisticamente. Dewey então concorda, em um sentido, com naturalistas-materialistas em relação à aplicabilidade do método científico, embora ele tenha idéias fortemente revisórias sobre o que constituiu o modelo de conhecimento e o método científico apropriado.³¹

Enquanto estes dois primeiros benefícios podem ser vistos como envolvendo primordialmente questões teóricas, os dois seguintes se apóiam em preocupações práticas. Em primeiro lugar, Dewey está profundamente preocupado com motivação prática, falando da “inspiração”, suportada pelo naturalismo, necessária para produzir os bens humanos, em contraste a qualquer sistema dualista. Somos aqui lembrados da rejeição de James do “feriado moral” do idealismo absoluto em *Pragmatism* (embora devamos notar que James foi explícito em que, como ele o concebia, o naturalismo não ofereça nenhuma motivação).³² Embora este primeiro benefício prático que Dewey isola seja, principalmente, subjetivo, ele também parece

ter em mente que o naturalismo tenha também algo objetivo a oferecer. Aqui, o lado prático do naturalismo de Dewey retrocede para beber no benefício concreto e prático de assumir ambas as vantagens teóricas isoladas – nomeadamente o monismo ontológico e metodológico requeridos por seu naturalismo. Conjugada a sua interpretação organística da “natureza”, praticamente falando o naturalismo implica, para Dewey, que a natureza possa potencialmente ser uma aliada para ser motivada ou empregada para bens humanos.

Além destes quatro benefícios do naturalismo, dois ocorrem freqüentemente em seus escritos (em geral entrelaçados), fornecendo um *insight* adicional a porque Dewey consistentemente endossa essa posição. Primeiro, em numerosos escritos, Dewey acaba por destacar o contraste entre o naturalismo e o supernaturalismo. A *Common Faith*, por exemplo, utiliza este tema para sublinhar as limitações que Dewey considera que a religião (enquanto oposta a “o religioso”) tenha produzido na humanidade, identificando a estultificação prática e intelectual como resultados inevitáveis do supernaturalismo (em contraste marcante com a avaliação de James).³³ Em “Anti-Naturalism in Extremis”, Dewey desenvolve este ponto, sugerindo num aparte que todas as formas de racionalismo filosófico também derivam do supernaturalismo, e denunciando o último em contraste com os métodos naturalistas.³⁴ Esta denúncia é, em parte, devida à ignorância ativa do supernaturalismo sobre a prática e as realizações da ciência, cujo reconhecimento é a segunda, e freqüentemente citada, vantagem que Dewey vê no naturalismo. O supernaturalismo não apenas ignora a ciência e suas realizações, mas procura ativamente desprezá-la. O naturalista, em contraste, é aquele que “por necessidade tem respeito pelas conclusões da ciência natural”.³⁵ Interessantemente, os benefícios desta orientação não são, de acordo com Dewey, limitados a um domínio especificado das ciências naturais tradicionalmente organizadas. Antes, dada a concepção de Dewey do social como localizado na esfera natural e sujeito à prática científica, os benefícios do naturalismo pertencem diretamente à própria “democracia”, talvez o domínio humano mais inclusivo para Dewey. Dewey então escreve que “a Democracia não pode obter nem reconhecimento adequado de seu próprio significado, nem realização prática coerente, enquanto o anti-naturalismo operar para atrasar e frustrar o uso de métodos através dos quais a compreensão de, e conseqüentemente a habilidade para guiar, as relações sociais podem ser obtidas.”³⁶ Por esta razão, a busca de um naturalismo totalmente consistente e auto-consciente, completado com uma redefinição do vocabulário filosófico implicitamente supernaturalista, não é simplesmente uma preferência terminológica para Dewey, mas antes um empreendimento prático urgente.

AVALIANDO JAMES E DEWEY

Poderíamos ainda continuar, particularmente com a análise de Dewey, desenvolvendo e adicionando nuances a nossa compreensão do seu naturalismo. Mas o necessário está evidente, nesta altura, para oferecer alguma avaliação de James e

Dewey juntos, para que possamos caminhar em direção a uma avaliação contemporânea de se o pragmatismo deve ser melhor visto como necessariamente aliado ao naturalismo.

A princípio, é crítico observar que, metodologicamente falando, tanto James quanto Dewey desenvolvem suas respectivas (aparentemente opostas) posições baseados no critério pragmático de enxergar os efeitos práticos de idéias no mundo como uma forma de discernir tanto o seu significado quando a sua validade. Aquilo em que eles diferem, pois, não é em serem “pragmatistas” num sentido geral; antes, onde eles discordam praticamente é na interpretação dos fatos que condicionam o significado e os efeitos das idéias do naturalismo e da natureza. Na visão de James, a ciência, o naturalismo, e a sua noção inerentemente redutiva de “natureza”, não são adequados nem para captar as nuances da experiência humana, nem para motivar a prática humana. Isto é particularmente verdadeiro porque a ciência, na visão de James, é essencialmente redutiva (ou seletiva) em suas conceitualizações e retrospectiva em seu conhecimento. Isto é, aliás, o que dá à ciência poder e utilidade prática na visão de James, mas isto também se demonstra uma limitação, dependendo do contexto, da pergunta, ou do assunto que se está investigando. Dewey, em contraste, compreende a natureza de uma maneira bem menos redutiva e mais organista. Adicionalmente, ele tem elevadas, se não ilimitadas, esperanças no escopo e sucesso da ciência, desde que praticada de acordo com o método de investigação guiado pela inteligência. Ele então vê a ciência (o naturalismo) como potencialmente preparada para a tarefa de energizar toda a prática, embora ainda não tenha chegado lá. E em contraste direto com James, Dewey considera que o antinaturalismo leva a algo similar ao subjetivismo, que, em sua atitude “laissez-faire”, parece se afastar da atividade prática e socialmente melhorativa.

James e Dewey têm várias discordâncias aqui, um das quais concerne a suas diferentes disposições em relação ao supernaturalismo e à religião. Mas mais importante para os nossos propósitos, há uma significativa discordância em suas compreensões e avaliações da ciência como uma esfera prática do naturalista. Primeiro (e mais importante), James está trabalhando principalmente com um modelo mecanicista de ciência, natureza, e mesmo do próprio processo de concepção, em contraste com o modelo de Dewey mais biológico, processual, ou organista. Para James, isto é mais evidente em sua idéia de que o processo de concepção é baseado na abstração e no isolamento de características encontradas na experiência, um processo de depuração para chegar a estruturas básicas e regidas por leis. A preocupação de James é que isto é excessivamente seletivo, e, além do mais, seletivo de apenas certos aspectos da “confusão florescente e murmurante” que é a própria realidade. Dewey, em contraste, vê a ciência como capaz de trabalhar ao redor disto, e então assume que se pode lidar com todos os aspectos da experiência, de uma forma ou de outra, através de métodos genericamente científicos. Sem dúvida, Dewey está próximo do pensamento contemporâneo ao estimar a pluralidade radical de métodos “científicos” e úteis; entretanto, a reserva de James de que alguns aspectos da experiência (individuais ou particulares) podem não se render facilmente (se

alguma vez) a serem captados, estudados, ou repetidos cientificamente, também tem uma justificativa contemporânea.

A diferença de opinião em relação aos prospectos para o estudo científico está efetivamente no âmago da discordância entre James e Dewey. Em parte, a discordância pode acuradamente ser creditada a diferença de temperamento ou disposição, sendo Dewey mais otimista sobre a ciência do que o durão e cético James, e sendo James mais sensível³⁷ do que Dewey em relação à religião e aos aspectos trágicos da existência humana (p.ex., as possibilidades de reconhecermos completamente o bem e o sofrimento erradicador ou mal).³⁸ Mas a questão não é simplesmente de disposição filosófica. Antes, ela chega a certos julgamentos mais básicos sobre a racionalidade e a realidade também.

Dewey tem, corretamente, uma noção mais entusiasta da natureza e das possibilidades das ciências, assim como do potencial restante para um modelo organista ou biológico para a própria investigação. Tendo disto isso, entretanto, é também crítico notar que Dewey tende fortemente, em seu pensamento, em direção ao monismo, tanto em relação à constituição da natureza quanto (mais importante) à conceitualização do método científico, da própria racionalidade. James, em contraste, tende mais freqüentemente ao pluralismo radical. Isto surge em James em dois lugares cruciais. Primeiro, em seu artigo apresentando sua controversa tese da “experiência pura”, James acaba por notar que, embora utilizemos o termo “experiência” como um substantivo metafísico, não há “nenhum material *geral* do qual a experiência, em geral, seja feita. [Antes,] há tantos materiais quanto há ‘naturezas’ nas coisas experienciadas.”³⁹ O que ele pretende indicar aqui é que, ao propor a ficção da pura experiência, ele não está propondo uma visão substantiva na forma tradicional. Então, James não escreve sobre “filosofia da experiência”, mas antes sobre empirismo radical. “Empirismo”, neste sentido, chama a atenção para a experiência, mas não de uma maneira substantiva. O naturalismo de Dewey, em contraste, revela a velha tendência da metafísica-substancialista, embora ele procure explicitamente evitar tal mistificação através de sua desvinculação do racionalismo e de outras heranças “supernaturalistas”, e de seu próprio foco na experiência.⁴⁰

A segunda arena em que o pluralismo radical de James aparece está relacionada não com ontologia mas, antes, com nossa concepção da própria racionalidade. Em uma passagem geralmente ignorada mas profundamente significativa de *A Pluralistic Universe*, James observa que há, no fundo, uma pluralidade radical na racionalidade humana:

... a racionalidade tem pelo menos quatro dimensões, intelectual, estética, moral, e prática; e encontrar um mundo racional no grau máximo *em todos estes sentidos simultaneamente* não é uma tarefa fácil ... o problema, neste sentido, parece à primeira vista resolver-se em encontrar uma concepção que produzirá o equilíbrio mais amplo da racionalidade.⁴¹

O que é interessante nesta passagem não é o cálculo inspirado por utilitarismo, sugerido no seu final, mas antes a assunção que a suporta de que não há, e de fato

não pode haver, nenhuma resolução óbvia ou universal para os nossos conflitos racionais, nenhuma *Überrationalität* na qual tudo será resolvido. O equilíbrio da racionalidade que James procura, embora implicado como um cálculo racional, definitivamente envolve escolhas estéticas racionais, equilíbrios, e tolerâncias. Um pluralismo radical, James pensa, é então necessário em nossa práticas, um pluralismo que seja apenas parcialmente teórico, ou científico. Onde Dewey está satisfeito em permitir que o método da investigação, o método científico, se estenda sobre todos os assuntos humanos, James está, em contraste, preocupado em que assim fazendo nós iremos ofuscar, e inclusive comprometer, as outras fontes de racionalidade que são fundamentais para nosso ser humano. O pluralismo radical da racionalidade de James, então, sugere que nós devamos estar profundamente preocupados se um monismo de método no final implica uma redução mais do que uma expansão do humanismo (ou aquilo que Dewey chamaria de democracia).

Dewey e James concordam, em seus discursos, que a experiência – tomada não como um substantivo, mas como uma matriz funcional e processiva – é o lugar e o ímpeto *real* para o conhecimento e a prática, seja ela filosófica, científica, moral ou estética. (Eu sublinharia que é a “experiência” e não a natureza que efetivamente faz o trabalho para ambos.)⁴² Além do mais, eles discutem sobre a necessidade de conceber esta extensão de esforços de formas simultaneamente práticas e sociais. Dewey é sem dúvida um guia melhor do que James para compreender tanto a complexidade e concretude da sociabilidade da experiência, quanto o aspecto organístico da inquirição e da investigação. Embora Dewey seja, em muitos sentidos, muito mais instrutivo ao nosso presente em todos estes pontos, é James quem eventualmente sinaliza (embora obliquamente) que o naturalismo, independente de como seja compreendido, ainda está emaranhado na lógica do substantivo mais do que na metafísica pragmática. Embora nós não precisemos nos alinhar com a filosofia espiritualista como o fez James, aqueles interessados nos prospectos do pragmatismo fariam bem em focar, como tanto James quanto Dewey o fizeram na prática, na pluralidade radical da experiência tomada como coletiva, incluindo a pluralidade das racionalidades envolvida nisso. Nós faríamos bem, da mesma forma, em nos movermos para além da linguagem tanto do supernaturalismo quanto do naturalismo, espiritualismo ou materialismo, ou fisicalismo, para esta questão. O efeito será, espero, não meramente terminológico, mas antes bem concreto e prático, guiando-nos a recessos de experiências individuais e sociais que foram obscuras e ignoradas através de nossa preocupação contínua e exclusiva com as questões sugeridas por esta tão duradoura antipatia natural/supernatural. Com tal passo nós poderemos, de fato, cruzar o portal de uma nova era para a filosofia, que tanto James quanto Dewey anunciaram, mas que ainda precisa ser concebida.

NOTAS

1. Papineau, David. *Philosophical Naturalism*. Cambridge: Blackwell, 1993, p. 1. Ver também Audi, Robert. "Philosophical Naturalism at the Turn of the Century." *Journal of Philosophical Research*. 25 (2000), 27-45.
2. Richard Rorty é o exemplo mais proeminente aqui, mas a aplicação da idéia encontra-se amplamente disseminada.
3. Este argumento putativo depende de se adotar uma visão mais restritiva da filosofia. A generalização provavelmente se sustenta em muitos departamentos analíticos, mas há inúmeros filósofos interessados em religião que ainda negam associação com o naturalismo em uma diversidade de formas (p.ex., Plantinga, Swinburne, Wolterstorff).
4. O fisicalismo de Papineau encaixa-se aqui.
5. Audi coloca isto de uma forma interessante, concordando geralmente com qualquer formalização de acordo no naturalismo, p. 40.
6. Papineau, p. 1.
7. John McDowell, em sua nova introdução a *Mind and World*, parece compartilhar de um *insight* similar, que podemos enxergar em sua opção de abordagem de 'ansiedades' filosóficas servas do empirismo. Ver *Mind and World*. Cambridge: Harvard UP, 1996, p. xi-xxii. (A relevância desta comparação tornar-se-á clara a seguir.)
8. James, William. "Tertium Quid." Ed. Edmund Gurney. *Essays, Comments, and Reviews*. Cambridge: Harvard UP, 1987, p. 413.
9. James, William. *The Principles of Psychology*. Cambridge: Harvard UP, 1981-83, p. 1231.
10. James, William. *The Will to Believe*. Cambridge: Harvard UP, 1979, p. 49.
11. No original, "the external staging of a many-storied universe." (N.T.)
12. James, William. *Will to believe*. p. 49, 50, 52.
13. James, William. *Varieties of Religious Experience*. Cambridge: Harvard UP, 1985, p. 384.
14. James, William. *Varieties*. p. 408.
15. "piecemeal" (N.T.)
16. James desenvolveu estas idéias com mais detalhe no verão em que *Varieties* apareceu em uma série de duas palestras na Harvard Divinity School. Ver James, William. "Summer School of Theology Lectures on 'Intellect and Feeling in Religion'." *Manuscript lectures*. Cambridge: Harvard UP, 1988, p. 88 e seq.
17. James, William. "Personal Idealism." Ed. Henry Sturt. *Essays, Comments, and Reviews*. p. 540-1.
18. James, William. "The Thing and Its Relations." *Essays in Radical Empiricism*. Cambridge: Harvard UP, 1976, p. 49.
19. James, William. "Notes for Philosophy 9: Metaphysics (1905-1906)." *Manuscript Lectures*. p. 370.
20. "tough-minded", no original (N.T.).
21. James, William. *Pragmatism*. Cambridge: Harvard UP, 1975, p. 15.
22. James, William. *Pragmatism*. p. 50, 49, 53, 55.
23. *mind-set*, no original (N.T.).
24. James, William. *A Pluralistic Universe*. Cambridge: Harvard UP, 1977, p. 14-22. Ver também p. 138 para uma visão resumida do naturalismo como materialismo. Para uma discussão detalhada desta análise, ver Lamberth, David C. *William James and the Metaphysics of Experience*. Cambridge: Cambridge UP, 1999, p. 151-162.

25. Para uma análise detalhada da metafísica do empirismo radical de James, ver Lamberth, capítulos 1 e 4.
26. Eu argumentei que nós faríamos melhor em compreender o pragmatismo de James como uma parte de sua visão geral do empirismo radical, seguindo seus comentários no *The Meaning of Truth* mais do que aqueles do *Pragmatism*. Ver Lamberth, p. 207-8.
27. Ver, por exemplo, Dewey, John. "Experience, Knowledge, and Value: a Rejoinder." *Later Works*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1988. V. 14., p. 64.
28. Dewey, John. "Individuality in our Day." *Later Works*. Carbondale: Southern Illinois UP, 1988. V. 5, p. 14.
29. Ver, por exemplo, Dewey, John. *Reconstruction in Philosophy*. Boston: Beacon Press, 1948, p. 173-4.
30. Dewey, John. "Individuality in our Day." p. 114.
31. A concepção de Dewey do método de inquirição (ou inteligência), e da necessidade de infundir a ciência com uma consciência de valor, torna sua abordagem do método científico notável e justificando uma análise posterior. Ver, p.ex., *Reconstruction in Philosophy*, p. 173, e *A Common Faith*. New Haven: Yale UP, 1934, p. 79.
32. Ver James, William. *Pragmatism*. p. 41-3.
33. Dewey, John. *A Common Faith*. p. 78f.
34. Dewey, John. "Anti-Naturalism in Extremis." Ed. Larry Hickman and Thomas Alexander. *The Essential Dewey*. Bloomington: Indiana UP, 1998. V. 1, p. 163.
35. Dewey, John. "Anti-Naturalism in Extremis." p. 163.
36. Dewey, John. "Anti-Naturalism in Extremis." p. 163-4.
37. *tender-minded*.
38. Note, entretanto, que otimista e durão (*tough-minded*) não estão alinhados na lista "idealizada" de James, já que a pessoa *tough-minded* é "idealmente" pessimista. James, é claro, enxerga a si próprio e muitos outros como um amálgama dessas atitudes. Estou simplesmente sugerindo que Dewey e James estão amalgamados diferentemente. Ver James, William. *Pragmatism*. p. 13.
39. James, William. "Does Consciousness Exist?" *Essays in radical empiricism*. Cambridge: Harvard UP, 1976, p. 14.
40. Há uma forma paralela de tropeço em muitos filósofos contemporâneos que procuram também evitar tal redução. Um exemplo interessante é *Mind and world*, de John McDowell. McDowell, de alguma forma como James, possui uma compreensão *iluminista* limitada e mecanicista da ciência como o reino da lei. Mas ele, como Dewey, exporta sem necessidade os limites da linguagem da natureza para o separado "reino das razões", que ele considera ter que ver com o humano, e a mente. Eu suspeito que para McDowell, como para Dewey, uma reação exagerada ao supernaturalismo e suas limitações em filosofia guia essa instantização (*instantiation*) da natureza, o que, no final, limita as possibilidades de sua proposta.
41. James, William. *A pluralistic universe*. p. 55.
42. Interessantemente, o mesmo pode ser dito sobre McDowell, para quem a "experiência" realiza todo o trabalho, embora ele defronte o naturalismo e a natureza como carregando o fardo. Ver *Mind and world*.